

HOMEM POLÍTICO É AQUELE QUE DEFENDE OS INTERESSES DO POVO... E QUEM É QUE DEFENDE OS INTERESSES DO HOMEM POLÍTICO?

FANTASIA LITERÁRIA

VIENTO SUL

S.M.

Florianópolis é a amante preferida do vento sul. Não se passa mês sem que ele a visite. Chega, repentinamente, de manso ou violento; enterra-se por toda ela, chupa-lhe os bicos dos seios úmidos e alvos, brinca-lhe com a cara basta e esvoaçante, enrosca-se em todo o seu corpo, repleta-a de carícias lascivas. Acalma-se, por rápidos instantes, para voltar mais violento. E a acaricia, abraça, a beija com seus lábios de "brisa"; fala-lhe com sua voz fininha e lamuriante. E assim, nestes curtos três dias, sem descanso, de dia e de noite, ele a ama, a possui, a goza.

Ingrata que é, a cidade, finge que não o nota. De dia, murcha e triste, olha com olhos que não veem, pensa sem pensar, vive sem viver, ama sem amar, deixa-se acariciar, abraçar, beijar, como se fora de pedra. Como diria o poeta:

"Toda de pedra, deslumbrante e nua,
Tu'alma é fria, não responde à minha"

A noite, o vento sul não se cansa de a procurar, de a acariciar, de a ver de lhe murmurar ao ouvido palavras apaixonadas, de lhe por os olhos nos olhos.

Ela não o vê, coitadinha! É quasi cega. Já de dia, quasi não anda, não se movimenta, não trabalha, não passeia, não brinca. Falta-lhe força... elétrica. De seus olhos de luz mortífera, nem um clarão mais pode luxir. Com o brilho opaco, quasi nulo, não pode suportar a fosforescência dos olhos do amado. Porisso mais se esconde, mais se aganha, mais se entranha em si mesma. Não escuta o que lhe sussurra, em surdina, o amado. Não sabe das aventuras por que passou, dos trabalhos que teve, dos perigos, das doenças, das novidades que vão pelo mundo. Nada sabe e nada procura saber. Sendo jovem, tendo infinitas belezas naturais, que extasiavam, procura, no entanto, as mesquinhas da pseudo-civilização do Século XX. Não podendo - pois não é milionária - usufruir e utilizar todos os modernismos que o tão decantado "Século das Luzes", proporciona, vive num arremedo tragicômico. Seus caricatos de civilização provocam um riso irônico e complacente. Quer ser de um exagerado e escandaloso modernismo, quando poderia ser de um natural beto. Pobre coitada! Poor girl!

A lua, nas raras vezes em que a visita, é que lhe empresta seu raso clarão. Então, toda ela se despe de seu enfado, goza as curtas horas de clarão lunar, anima-se e... Depois... Mais trágica e mais taciturna... Volta à escuridão, mendigando um pingo de luz das estrelas que a olham com desdem e não lhe dão resposta. Se acontece luar e vento sul se encontrarem, dá-se como que um choque elétrico, magnético. Dos olhos artificiais e fictícios da cidade e dos olhos do vento surgem faíscas, os dois olhares se chocam, se atraem, se possuem e, na despedida, o lamento da ventania é maior e a tristeza da cidade aumenta.

Certa noite, não há muito, encontrava-me solitário sob a vetusta figueira da Praça XV. O vento sul se encontrava mais furioso que nunca. Os olhos da cidade, mais escuros que nunca. No jardim, nem uma viv'alma se via. Só os elfos e os duendes faziam companhia e um cão faminto que perseguia um gato. As árvores, múltiplas e diversas, altas e baixas, grossas e finas, pendiam ante a violência do vento, que zunia. Milhares de folhas e flores, em comunhão, revoloteavam, carregadas para longe. Um pouco distante donde me encontrava, uma palmeira desabou com fragor. As quedas, espassou flores de todos os tipos. O odor delas, em mistura com outros, indistintos, chegava até mim, trazido pelo vento. Repentinamente, uma lufada mais forte chega até a figueira, enlaça-a com seus mil braços, sacode-lhe as folhas e os galhos, espantando os passarinhos que dormitavam, toma todo o tronco, as barbas de velho são arracadas, ninhos atirados à distância e cada vez mais de mim se aproxima. Dece sempre mais e mais, sempre roda-rodopiando, repleta todo o banco em que eu me encontrava, até sentar-se ao meu lado.

Fala-me e por mais de uma hora conversamos sobre mil diferentes assuntos. O término da guerra, a política, as literaturas, as artes, as ciências, as viagens...

Conta-me, depois, seu rancor contra esta cidade, la qual, por um desígnio superior - o vento sul é fatalista, acredita no destino - não lhe é possível fugir. Diz-me: e sua voz fininha trema num misto de ódio e amor:

- Veja, visite cidades grandes, lindas, modernas, que não precisam esperar pela lua da lua para se iluminarem, que não precisam de inverno para tomarem banho e, no entanto, sou obrigado a voltar, sempre voltar, a esta "Ilha Verde". E, veja, não é de agora que isto me acontece. Já nos tempos de

colônias, mesmo antes, nas invasões dos piratas ingleses e franceses, eu aqui estava. Vi-os chegar, desembarcar, depredar, matar os selvícolas, enquanto estes olhavam atônitos. Depois, vi a chegada dos desbravadores, dos bandeirantes de Dias Velho. Vi a fundação, o crescimento progressivo da cidade. A primeira igreja, a primeira casa de pedra, o primeiro meretrício, a primeira inveja, o primeiro assassinato... Vi a chegada do célebre explorador francês Saint-Hilaire, que tanto admirou as belezas naturais da Ilha. Vi e palestrei com algumas das maiores personalidades da nossa literatura, política, pintura, escultura... Cruz e Souza, Luiz Delfino, Lauro Müller, Vitor Meireles... Inspirei Cruz e Souza, fui seu primeiro confidente e primeiro admirador. Quantas vezes, alta noite, ainda à espera da glória, ele me declamava as suas poesias! Vocês já viram algo mais belo do que os "Violões que Choram"? Nunca pode esquecer esta estrofe:

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes,
Dos ventos, vivas, vas, vulcanizadas"

É belo, não?! Cruz e Souza foi um grande simbolista, igual a Mallarmé, Stefan George e Verlaine.

Admirei-me de que ele soubesse tanta coisa e lho disse.

- Qual! - respondeu-me - eu sou um vento culto. O povo ainda não me dá valor. Não faz mal... Vi muitas outras coisas, presenciei milhares de fatos curiosos, pitorescos, cómicos, trágicos... Ri e brinquei nos momentos em que a cidade ria. Chorei e sorri nos em que ela sofria. E é por isso que não a posso abandonar, agora que ela está num momento tão crucial de sua vida.

- Bem, disse-me ele, o vento poeta, de repente. A palestra está boa, mas eu tenho que me ir. Gostei muito de conhecê-lo. Qualquer dia voltarei com mais tempo e então palestrarémos bastante. Vou ver o que se passa pelo mundo. Até a vista!

Levantou-se do meu lado, roda-rodopiando, chiçou veloz pela figueira e, carregando consigo pequeninas folhas e partículas de nuvens, elevou-se, desaparecendo, no céu de ébano, que tudo cobria, e onde uns únicos estrelas pisca-piscava.

UMA CARTA DO INFERNO

A.P.

Caros leitores:

Desejo-lhes um mundo de pecados. Escrevo-lhes do Inferno, leitores. Vocês sabem que eu sou agora um diabo? Pois é a verdade, leitores. Transformaram-me em diabo. É a causa dessa transformação, leitores... Ah! Se vocês soubessem... talvez nunca mais dessem crédito a "certas pessoas" que eu elogiei...

Assim que cheguei ao Inferno, leitores - vendo que as coisas não iam muito bem para o meu lado - eu procurei retratar-me daqueles infelizes elogios que proferi naquele artigo "A Verdade Sob a Mentira", do número anterior deste estupendo jornalco. Mas foi em vão, leitores; Papai Diabo não foi em "fita"; fez caretas, berrou. Esperava - eu tremia como varas verdes; esperava que ele me mandasse para as fornalhas do Inferno - por fim, para surpresa minha, ele honrou-me com o título de diabo. Fiquei satisfeitiíssimo, leitores. Vocês não imaginam o meu contentamento. Ele disse-me então que me homenageava desse modo, porque no passado eu fui um bom rapaz. Um rapaz que nunca frequentou uma igreja; que nunca foi hipócrita; que nunca deu esmolas, augurando o Reino do Céu... Papai Diabo disse-me também, leitores, que o Reino dos que assim o fazem não é o Reino do Céu, não; é o Reino do Inferno; o trabalho, (que não é marata) das suas fornalhas... Pobres coitados! Não digam nada para eles, não...

leitores, vocês querem saber qual é a minha incumbência aqui em cima? É tentar vocês lá embaixo. Vocês já leram o Cine-Gazeta do Rita? É criação minha. Vocês já ouviram os comentários da Rádio Guarujá? É criação minha. Vocês já estiveram alguma vez na Assembléia? Pois eu estou sempre lá, leitores. Aquilo lá é o meu ponto favorito. Não esperam grande coisa da Assembléia não; meu maior desejo agora é evitar que ela faça alguma coisa por vocês...

Enfim, leitores, o que não presta lá embaixo, vocês só podem atribuir a mim. Vocês não sabem como eu me orgulho disso, leitores. Papai Diabo não se cansa de me elogiar. Talvez algum dia, eu venha a ser seu sucessor...

Como não há mais espaço, eu me subcrevo aqui, leitores. Um abraço mortal para todos vocês.

Do Diabo Endiabrado

A.P.

SEU CARDEAL FAIOU...

C.B.V.

O Cardeal Jayme Câmara já deu o seu parecer sobre o fechamento do Partido Comunista. Disse umas palavrinhas maldicas, naquela linguagem velada das ve-

"C'EST FINIE LA COMÉDIE!"

(ACABOULHE A COMIDA)

SEU CARDEAL FAIQU... (continuação)

linas raposas da Igreja. Palavras através das quais a gente enxerga a humildade teatral de quem as pronunciou. Vejam só estes dois trechinhos aqui:

"A posição dos católicos relativamente à decisão tomada pelo Tribunal Superior Eleitoral deve ser, como sempre, de respeito e acatamento pelo poder jurídico." "Esta é a palavra de ordem de todos os católicos do Brasil: acatamento ao vereditum do Tribunal Superior Eleitoral."

Bonito, seu Cardeal! Também na Itália, onde imperava o fascismo, unanimemente considerado um regime anti-democrático e anti-cristão, o Papa respeitava e acatava as decisões de Mussolini. Faça sempre assim, seu Cardeal. Não seja do contra. Amanhã, quando a segunda ditadura estiver em vigor, benza as armas com que os pelotões de fuzilamento irão assassinar os rebeldes, justamente como o Papa fazia na Itália do Duce.

Ah! Nada como "ser do pró". É o seu Cardeal, situacionista que é, não vai bancar o bobo, si um dia o nazismo vier: veste imediatamente uma batinha vermelha.

O.K., seu Cardeal. Continue assim. Enquanto a força ditar a justiça, não deixe de dançar conforme a música...

FILANTE E FILADO

S.H.

O nosso grande amigo e navegante A.V., de volta de uma de suas "grandiosas" viagens, convidou o não menos amigo, porém não navegante, H.H.A. para um bife no Estrela - restaurante da elite florianopolitana (pudera! Pois si é o único!). H.H.A. topou a parada, e pensou que era chegada a vez de se desferrar do A.V., filante categorizado. Pois o A.V. não dizia sempre: "Deixa estar! Agora eu ando quebrado; mas depois que pegar o serviço no navio, a primeira vez que eu vier a Florianópolis, vou reunir toda a turma e fazer uma grande farrá. E eu faço questão de pagar toda a despesa. Ah! Isto faço!"

"É a minha vez!" - pensou H.H.A., e se dirigiu com o A.V. ao Estrela. Ao garçon que os atendeu, fizeram um bruto pedido: bifes, churrascos, bebidas, dois pratos de batatinhas fritas separadas, etc.

Enquanto esperavam, A.V. contava suas mirabolantes aventuras, tentando lembrar H.H.A.

- Se tu viesses, dizia ele. Na minha última viagem, estive longo tempo no mar. Ganho bem, nem preciso te dizer,

nó? E A.V. fala muito sobre suas aventuras a bordo, - se é verdade ou pata, não sei - até que chega o garçon com o que haviam pedido. A.V. continua falando. Já agora está no porto de Recife, desembarca e se dirige aos melhores cabarés, onde gasta com mulheres e bebidas todas as suas economias. "Mas que mulheres, menino! - diz ele - que mulheres! Só vendo!" H.H.A., entusiasmado, bebe-lhe as palavras.

Nesta altura, já os dois estão mais prá cá do que prá lá. H.H.A., que é fraco na bebida, gagueja, estende os braços, boceja... A.V. sorri...

Chega o garçon e A.V. diz baixinho: - Olha aí, H.H.A. Paga esta droga, que eu estou na pindaíba!

H.H.A. nada mais pode fazer do que pagar. Saem e A.V. ainda está falando. Passa o braço amigavelmente por sobre o ombro do outro e diz:

- Vê só: Na minha última noite em Recife, gastei com uma dona boa mais de mil cruzeiros! Mas que dona!... Me dá um cigarro daí, H.H.A.

ANTES E DEPOIS...

O.B.V.

Vozes em coro, gritos, vivas, ruído...
(as palmas...)

Um formidável de acenar e...
Vibrando em calorosas ovações...

O candidato fala:

- É chegada o tempo de libertarmos
Das garras dos tubarões
A nossa terra oprimida!

Sim, porque o povo já sabe que tem
(direito

ao pão, à casa e a um melhor nível
(de vida)

E a multidão arrebatada não cala:
Vivas e mais vivas, palmas e...

- Calorosas ovações
(palmas)
Das equeninas almas...

Sim, isso foi antes das eleições...

Depois, acabada a festa...

mas prá que prolonhar esta poesia?

PIADAS EDIFICANTES

O MILIONÁRIO: Não posso compreender como é que há tanta gente passando fome neste país.

O PROLETÁRIO: Pois eu posso compreender como é que há tanta gente ganhando de tanto dinheiro neste país...

1º BEBADO: Eu bebo porque minha mulher me abandonou.

2º BEBADO: Pois eu bebo porque a minha mãe quer me abandonar.